

Teimosia é a palavra de ordem

JULIANA CÉZAR NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

A persistência dos invasores de terras torna as ações de desocupação de áreas públicas no Distrito Federal inócuas. De cada dez barracos e casas derrubados pelos fiscais, nove são reerguidos, aponta levantamento feito pelo Serviço de Vigilância do Solo (Siv-solo) sobre as ocupações irregulares nos últimos quatro anos. De 1999 a 2002, a fiscalização expulsou 128 mil invasores de áreas públicas. Apenas 10% deles desistiram da ocupação irregular. Os outros voltaram a fincar suas barracas improvisadas.

Os fiscais chegaram a esse percentual a partir da observação do comportamento dos sem-teto. Durante as operações de retirada, a maioria deles rejeita a ajuda do governo para o transporte de móveis ou para voltar à cidade de origem. Significa que, depois de desabrigados, seguem a peregrinação a procura de um endereço. "Isso nos leva a crer que eles voltarão a invadir, ou porque não têm outra opção ou porque estão interessados em especular" afirma o major Marcelo Souza Rocha, gerente de planejamento do Siv-Solo.

O mesmo procedimento também é verificado nos primeiros seis meses de 2003. Os tratores do Siv-Solo passaram sobre 7,2 mil construções irregulares e 21,8 mil pessoas foram desalojadas — delas, apenas 2 mil aceitaram a ajuda do governo para voltar ao local de origem. O estudo revela ainda sete áreas em que as invasões e as retiradas são sistemáticas, terras onde fiscais e sem-teto disputam um jogo de gato e rato interminável.

"Visitamos essas áreas, no mínimo, uma vez por semana e não adianta nada. Eles sempre estão de volta com as barracas de lona preta", lamenta o gerente de planejamento (leia mapa ao lado). A maioria das invasões teimosas está localizada na parte norte do Distrito Federal e reúne poucas famílias, que dependem da esmola ou do lixo recolhido no Plano Piloto para sobreviver.

A exceção fica por conta do Bairro Nacional, localizado em São Sebastião. Cerca de 800 famílias ocupam um terreno equivalente a 210 campos de futebol. Os primeiros invasores chegaram em 2001, depois da aprovação de uma lei distrital que transformava o terreno em área

residencial. Um ano depois, o governo assinou um contrato de concessão da área para a empresa Indústria de Cerâmica Nacional (Icena) e, desde então, os fiscais de terra tentam desocupar a área.

A disposição daqueles homens e mulheres é, hoje, a maior preocupação dos fiscais de terra brasilienses. O temor é que o Nacional se transforme em um campo de resistência de sem-teto, como um dia a Estrutural e o Itapua foram. Unidos em torno da necessidade de moradia, os invasores do Nacional garantem que vão continuar no local. Tomam como exemplo as invasões que, ao longo da história de Brasília, acabaram sendo regularizadas.

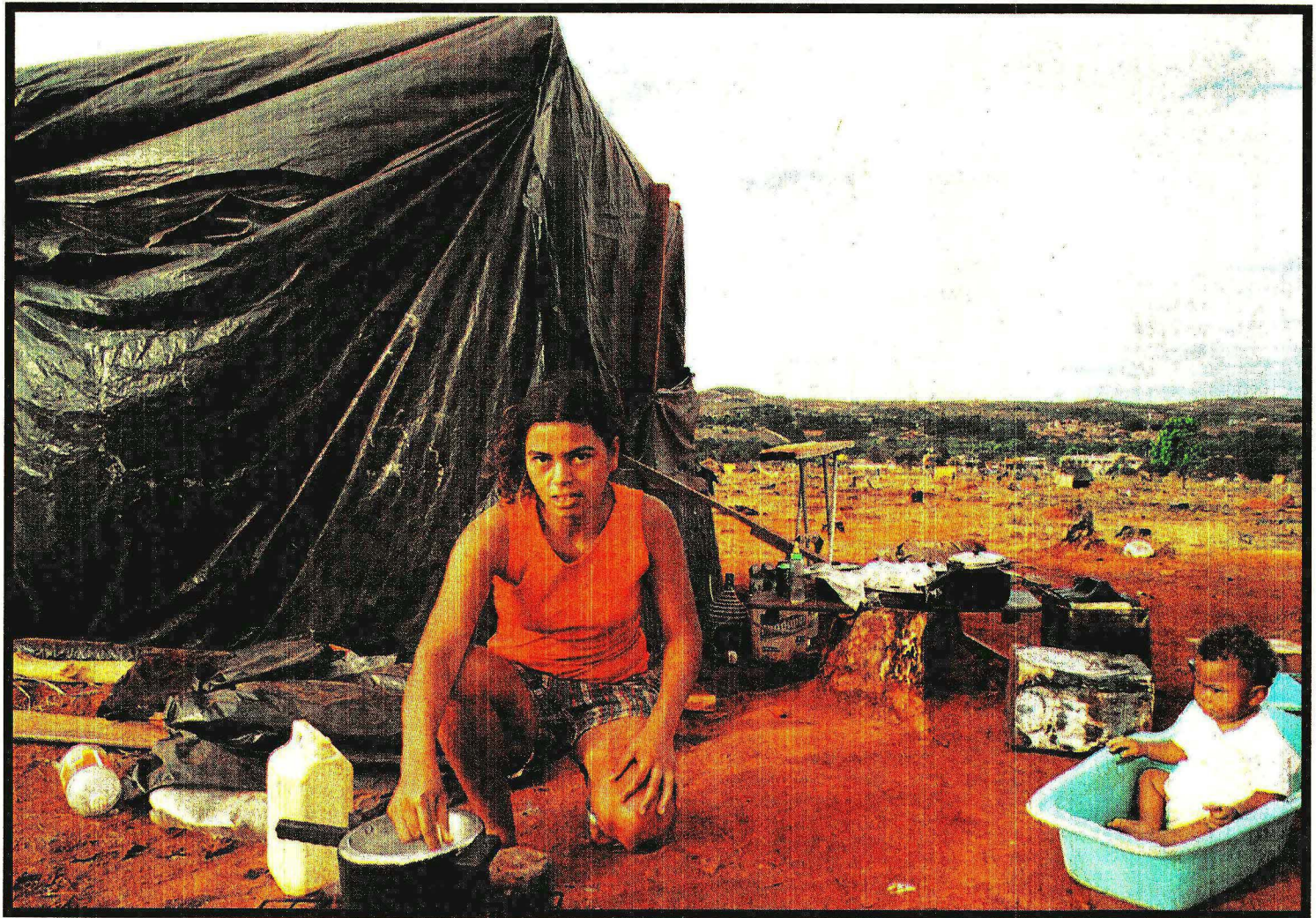
É o caso de Kelly Gonçalves Dias, de 19 anos. Há 20 dias, a moça vive com o marido e dois filhos em um barraco no Nacional. A casa já tem até número: 1072. Antes de morar lá, a família usou uma lona preta pendurada em estacas de madeira para reservar espaço. O lote permaneceu desabitado durante dois anos. Nesse meio tempo, por 12 vezes, os fiscais do Siv-Solo derrubaram a barraca. E por 12 vezes ela foi reerguida. "Tenho fé em Deus que um dia isso aqui vai ser meu", diz Kelly. Enquanto não sai, a família Dias se vira como pode em um lugar sem água e energia elétrica.

Buracos na terra

Para continuar no local à espera de regularização ou outro tipo de ajuda, os invasores teimosos desenvolveram uma tática. Cavam buracos para esconder as barracas ou montam suas casas apenas à noite. Quanto mais longe do início da invasão o barraco estiver, melhor. Dá tempo de levar colchão, roupas e panelas para a casa de um parente e ainda voltar para assistir à destruição do que ficou. Na vida de improviso, os moradores carregam uma espécie de kit básico de sobrevivência — além das lonas pretas, o pacote inclui banheira para bebê e um punhado de panelas.

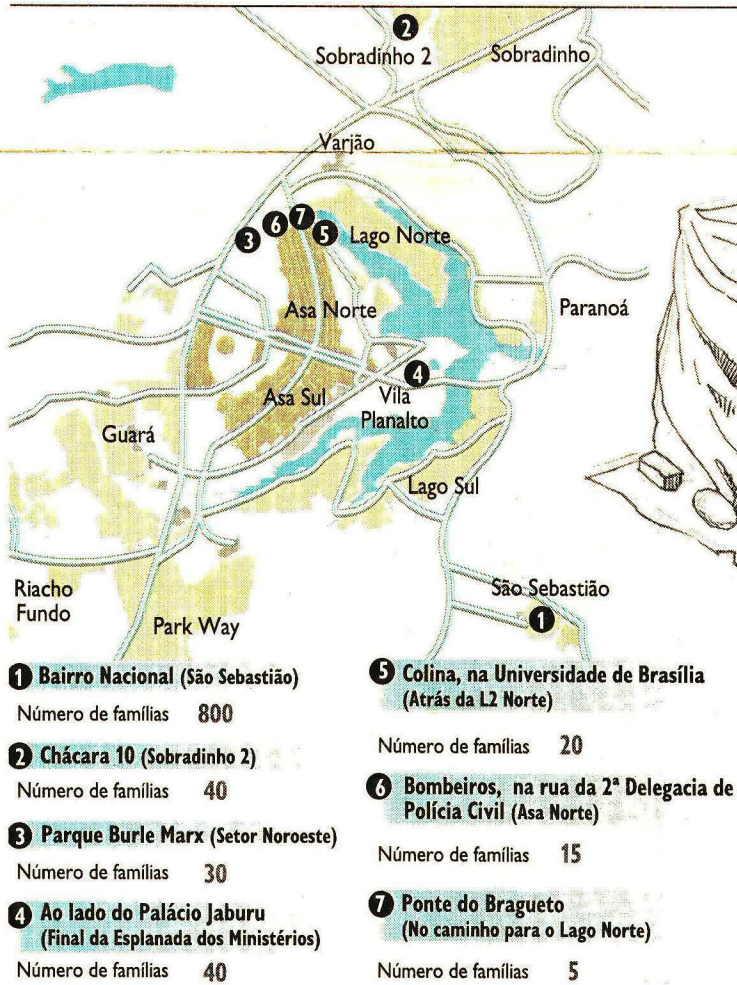
As moradias precárias incluem toda espécie de arranjo. Dentro das barracas, os cobertores forram o chão, ajudam a enganar o frio e proteger dos escorpiões que rondam o lugar. Na cozinha, um pedaço de madeira é ao mesmo tempo tábua de passar roupa e mesa. O banheiro dos adultos e crianças mais velhas é o córrego mais próximo. Para as pequeninas, esquentam-se água.

Fotos: Carlos Moura



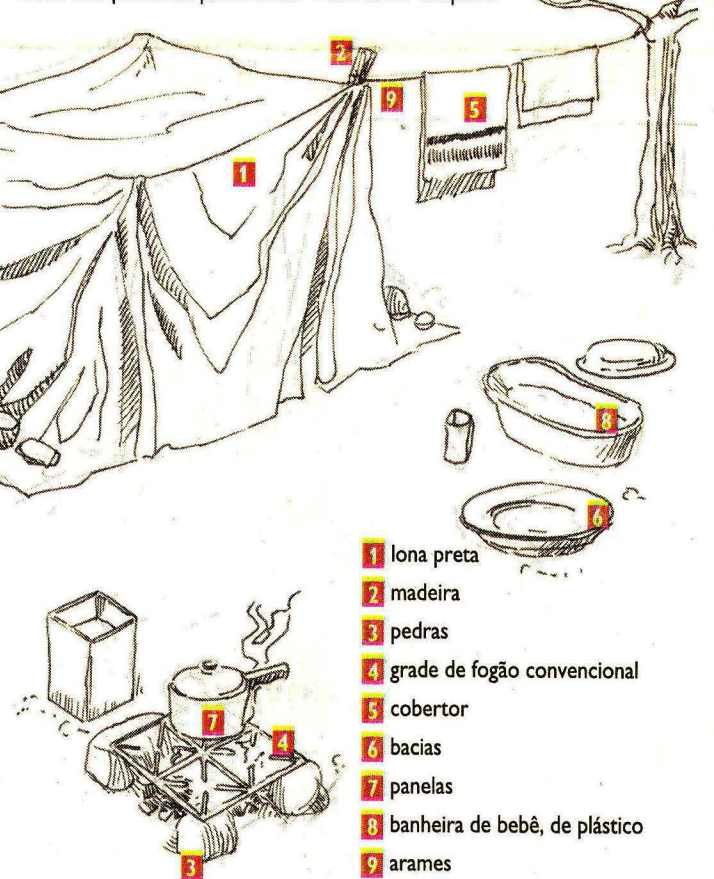
BARRACO ONDE KELLY MORA COM O MARIDO E OS DOIS FILHOS EM SÃO SEBASTIÃO JÁ FOI DERRUBADO 12 VEZES PELO SIV-SOLO: ESPERANÇA DE FICAR NO LUGAR

ÁREAS PREFERIDAS



KIT INVASÃO

Por onde andam, os invasores carregam um kit com as coisas indispensáveis para marcar o território ocupado:



Crianças são treinadas para vigiar os fiscais

O quintal do acreano Paulo Soares da Silva, 30 anos, tem espaço pra tudo. De plantação de bananeira, cenoura e capim-santo a esconderijo para madeira e lona preta. Há quatro meses, ele se uniu ao melhor amigo para cercar um lote na invasão mais famosa de São Sebastião. Está tudo acertado. Quando o lugar for regularizado, eles dividem o lote. Enquanto isso não acontece, semana sim, semana não, um deles acorda, come e dorme por lá. A barraca de lona virou uma segunda casa. Na última semana, foi a vez de Paulo cuidar do patrimônio na companhia dos seus dois filhos. Gleison, 10 anos, e Paulo Henrique, 8 anos.

No Bairro Nacional, os meninos não se preocupam com banho ou televisão. Jogam bola o dia inteiro, dão cambalhotas no chão e regam as plantações da família. De quebra, também aprendem a cavar buraco com

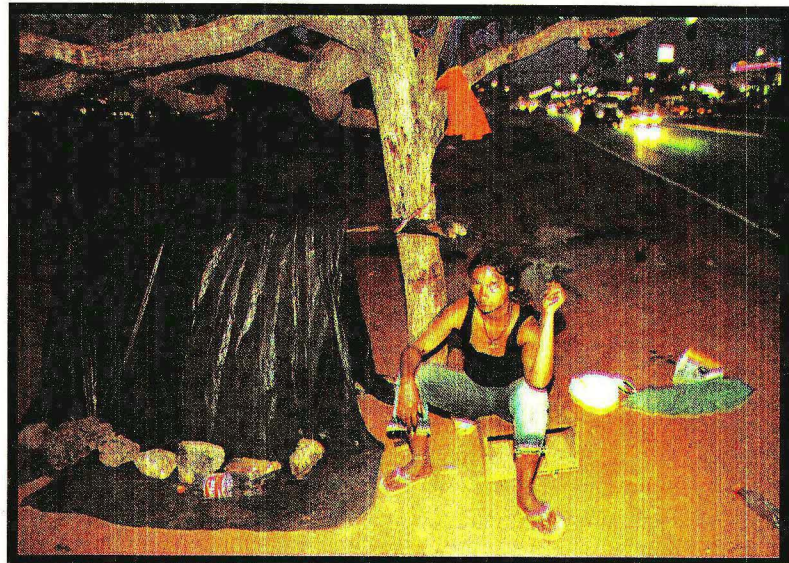
enxada. A atividade faz parte de uma espécie de treinamento. A dupla está avisada: se os homens do Siv-Solo apontarem no início da invasão, é preciso retirar a areia do buraco pré-fabricado, enfiar as estacas de madeira, a lona e o colchão. "Quando eles chegam aqui, a gente fica bem tranquilo", conta o pai das crianças.

Por causa da origem indígena, Paulo costuma ser chamado de índio pelos amigos. O apelido está na placa de papelão, logo abaixo ao número do lote — 1114. A tática de resistência adotada por ele poupou prejuízos nas dez vezes em que o Siv-Solo esteve lá. Somente algumas estacas de madeira foram destruídas. A maior parte acabou sendo recuperada nos buracos secretos. A ideia de cavá-los vem da experiência. Há nove anos, a família Silva morou em uma invasão pela primeira vez, na Candangolândia.

Bem pertinho da Delegacia

Foi acreditando na palavra de um tio que Carla Pereira Alves, 19 anos, resolveu deixar a Bahia para tentar a vida na capital do país. Dizia ele que por aqui era fácil conseguir emprego e moradia. Carla gostou da ideia, casou e veio com o marido para Brasília. Em pouco tempo, percebeu que não ia ser tão fácil sobreviver na cidade. A falta de dinheiro acabou levando o casal a brigas intermináveis e à separação. Desde então, a morena de fala rápida e olhar bravo mora na rua do Bombeiro. É o nome que o povo do lugar dá ao terreno em frente ao Corpo de Bombeiros e ao lado da 2ª Delegacia de Polícia Civil, no final da Asa Norte.

Há quase dez anos, o Siv-Solo tenta acabar com a invasão. A instalação de um supermercado perto do local há três anos dificultou ainda mais as operações. Os moradores estão decididos a continuar ao lado de uma boa fonte de sustento. Todos os dias,



CARLA MONTOU BARRACA NA ASA NORTE, JUNTO À 2ª DP: "AQUI É RUIM"

eles catam latinhas no supermercado. Cada oito sacos rendem R\$ 18. Vez ou outra, também é possível contar com a boa-vontade dos clientes do supermercado. Alguns deles doam sacolas de leite ou arroz. Para

despistar os fiscais do Siv-Solo, os moradores descobriram, por exemplo, que é preciso passar o dia com os pertences escondidos no mato.

"A gente só monta barraca à noite ou depois das 17h, quan-

do eles (os fiscais) não estão mais trabalhando", conta Carla. "Aqui é muito ruim. A gente passa frio e medo. Mas não quero voltar pra Bahia. Lá, a gente passa é fome, moça." Para tomar banho, lavar roupa e conseguir água, ela e os vizinhos recorrem ao rio Banaal, a meio quilômetro da invasão. Enquanto o sol está no céu, ninguém pára quieto na rua dos Bombeiros. É preciso correr atrás de dinheiro. Seja no supermercado ou nos estacionamento.

As crianças aproveitaram o tempo para brincar. Emília, 12 anos, gosta de bonecas. Suas prediletas ficam escondidas no mato. "Tenho medo que os homens do 'sub-solo' quebrem elas", explica a menina, que está há um mês fazendo companhia à mãe no Bombeiro.